

Caroline da Silva

Jornal da Universidade – Que avaliação se pode fazer das eleições presidenciais de 2007?

Carlos Arturi – O voto não é obrigatório na França, e a participação neste último pleito foi de quase 90%. Normalmente, em eleições presidenciais, fica entre 50 e 60%. Foi um pleito que mobilizou os eleitores das extremas esquerda e direita, todas as forças políticas participaram. Os principais candidatos representaram uma renovação política. Mesmo sendo do partido de Chirac, originário do *gaullismo*, Nicolas Sarkozy (União por um Movimento Popular - UMP) apresentou propostas que destoavam da direita tradicional. Ele defende pontos mais liberais na área econômica do que a direita clássica, sobretudo a *gaullista*, que é uma direita favorável, como a esquerda, à intervenção do Estado. Na França, há certa cultura política de discrição no que se refere à riqueza; a burguesia é discreta desde a Revolução. Sarkozy não, muito antes de ser candidato à presidência, não se preocupava em esconder seu modo de vida abastado e sua amizade com os principais empresários do país. Como declarou a imprensa francesa: “descomplexado”. Sarkozy representa uma americanização da vida francesa; social, cultural e agora política. Ségolène Royal também incorporou uma renovação política dentro do Partido Socialista, venceu os “elefantes do PS”, que já foram ministros, concorreram à presidência, como Lionel Jospin. Ségolène correu por fora e conseguiu estimular o eleitorado tradicional socialista e a maioria dos quadros do partido para o apoio à sua candidatura. No primeiro turno, o eleitorado não adere em massa a Sarkozy, se distribui. No segundo turno, sim. Sarkozy ganha por vários motivos. De fato, ele fez a melhor campanha. Quando o voto não é obrigatório, a máquina do partido conta muito, vence quem mobiliza mais. Há, assim, que se relativizar a capacidade de previsão das pesquisas de opinião pública neste contexto.

JU – Relativizar em que sentido?

CA – O problema é que o entrevistado pode declarar apoio a um candidato na entrevista e depois não ir votar. Não nos esqueçamos que o Le Pen, há cinco anos, surpreendentemente foi para o segundo turno com o Chirac, batendo o Jospin, que ficou em terceiro lugar em 2002.

JU – A grande participação do eleitorado neste ano não foi em função do ocorrido no último pleito, de um segundo turno inesperado?

CA – Creio que sim. Lembro que uma amiga francesa disse: “Não fui votar no Jospin no primeiro turno, agora vou ter que correr para votar no Chirac no segundo. Jamais imaginei que isto pudesse acontecer”. Outro motivo é que Sarkozy movimentou a direita francesa, mesmo tendo concorrente dentro da UMP, o primeiro-ministro Dominique de Villepin. Ele avançou também no eleitorado da extrema direita.

JU – O que se espera da esquerda, quais os rumos?

CA – O partido Comunista que era forte há quinze anos, fazia quase 10% dos votos, neste ano obteve cerca de 2%; é uma queda contínua. A esquerda ficará reduzida à oposição na Assembleia Francesa e terá que se preparar para a próxima campanha presidencial de 2012, com Ségolène ou outro candidato. Essa tendência de uma certa “direitização” do eleitorado francês vem há 12 anos, desde a primeira eleição do Chirac em 1995, e em 2002 se confirmou.

JU – Essa “direitização” na França seria decorrente do quê?

CA – Em parte pelos erros da es-



JEAN-CLAUDE DEUTSCH

Conservador inovador

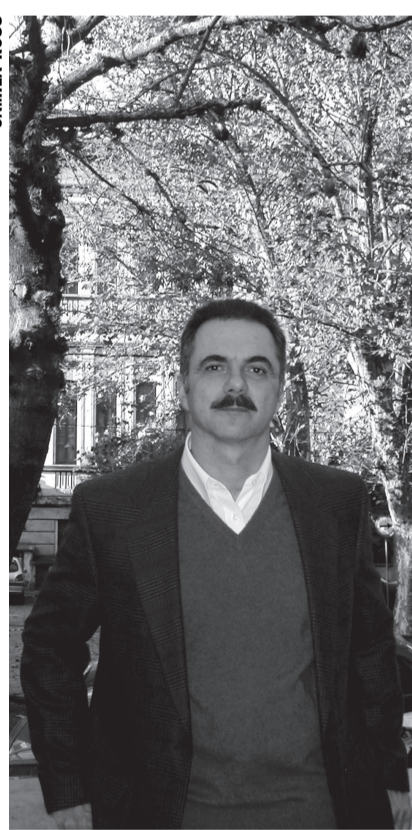
O mundo assistiu, em maio, uma eleição como jamais vista na França, um dos países mais desenvolvidos do planeta. Cerca de 90% dos eleitores foi às urnas, mesmo sem a obrigatoriedade do voto. Nesse cenário, dois discursos se destacaram. De um lado, a figura de uma mulher, Ségolène Royal, do Partido Socialista (PS). Do outro, Nicolas Sarkozy, da União por um Movimento Popular (UMP), que saiu vencedor com 53,06% dos votos. Para analisar o que representa a vitória do conservador Nicolas Sarkozy para o mundo e para o Brasil, o *Jornal da Universidade* conversou com o Chefe do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Carlos Schmidt Arturi, também professor de Relações Internacionais. Arturi viveu entre 1989 e 1994 na França. Neste período, fez doutorado em Ciência Política no Institut d'Etudes Politiques de Paris. Hoje, é pesquisador associado do Núcleo de Estudos de Estratégia e Relações Internacionais (Nerint) do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (Ilea).

Eleições francesas
Cientista político avalia a vitória de mais um presidente de direita

querda, sobretudo quando esteve pela última vez no poder, com Jospin como premier de Chirac. Penso que o PS não soube passar uma política de renovação na França, percebe-se isso pelas pesquisas de opinião pública. É uma esquerda que, no poder, abandonou muito suas bandeiras de luta.

JU – Por que a esquerda abandona suas bandeiras, assim como Ségolène faz na campanha?

CA – A margem de manobra na formulação de política econômica pelos governos no capitalismo globalizado e crescentemente integrado através de blocos econômicos é cada vez mais reduzida. Isto ocorre mesmo nos países centrais e a França é um deles. Como é que vão prometer grandes reformas de distribuição de renda se não há margem para isso? Se a política monetária, cambial e comercial tem que ser harmonizada entre quase trinta países, no caso da União Européia? Esse é um problema de toda esquerda hoje no mundo, pelo menos de uma esquerda moderada. Chegando ao poder, sua margem de atuação é muito estreita em termos de política-econômica. Então sobram as questões sociais: o desemprego, a segurança, a questão da imigração e do terrorismo, que na França é forte. E esses temas favorecem a direita. Sarkozy responde: “Desemprego? Desregulamentação das leis trabalhistas”. Para o presidente eleito, mais liberalismo econômico equivale a mais emprego.



CAMILA ROSS

“Sarkozy representa uma americanização da vida francesa; social, cultural e agora política”

CARLOS SCHMIDT ARTURI

JU – E com relação aos imigrantes, qual deve ser a postura do novo presidente?

CA – Sarkozy fala de um projeto

de imigração seletiva, que só vai permitir a entrada de imigrantes se trouxerem algum benefício ao país e não concorrerem diretamente com os franceses. Esse é um discurso cada vez mais radicalizado que atinge o eleitorado do centro até a extrema direita. Conforme o presidente, os imigrantes devem assimilar a cultura francesa ou partirem; uma visão simplista, no meu entender.

JU – A imprensa tem chamado Sarkozy de hiper-presidente, o que isso quer dizer?

CA – Ele tem um estilo muito dinâmico que alguns já associaram ao de Collor, mas deve-se ter cuidado: Sarkozy é diferente, muito mais consistente. O presidente francês é um político tradicional, que vem do núcleo central do cenário político da França. Collor foi um candidato de “salvação” contra Lula, mas não era o candidato preferido dos meios mais conservadores. Sarkozy vem de um partido de direita, foi ministro de governo. Apesar de toda uma carreira que Fernando Collor não tinha, algumas coisas lembram, como a hiper-atividade e o uso de marketing pessoal. Outro ponto interessante é quanto à cultura nacional deles. A vida privada dos políticos não era sujeita ao escrutínio público, o que vem mudando com Sarkozy. A imprensa não falava da vida pessoal, o Mitterrand, por exemplo, tinha duas famílias.

JU – Havia certo distanciamento

entre a vida pessoal e pública do político? A mídia não explorava esse aspecto?

CA – A imprensa não tocava nisso e Mitterrand não se expunha. Idem para Chirac. Já Sarkozy não, ele expõe seus problemas familiares. Houve uma separação em 2005, sua esposa rompeu o casamento, foi viver com outro e depois voltou. Neste ano, mais crises: ela se retirou da campanha e no segundo turno não foi votar. Essa nova “espetacularização” da política não deixa de ser uma característica de americanização também, do político como celebridade.

JU – Foi com o Collor que se começou a falar em marketing na política brasileira. Na França, essa presença também se detecta agora?

CA – Evidente, o marketing político foi forte com Sarkozy. Mas, também, de uma maneira diferente, não tão profissional, apareceu com Ségolène. A candidata socialista não teve uma equipe técnica grande como a de Sarkozy – que trouxe inclusive marqueteiro dos EUA.

JU – Qual é a recepção de Sarkozy na União Européia?

CA – Para a Comunidade Européia, não vejo grande impacto, porque a França, em 2005, já tinha rejeitado em plebiscito a Constituição Européia. Sarkozy não apoiou a Constituição como Chirac, mas não fez discurso contra. Atualmente, está propondo uma Constituição mais enxuta, um mini-tratado, que tem mais chance de passar pela opinião pública.

JU – Ségolène pregou em campanha uma discussão mais detalhada da Constituição Européia.

CA – Certo, mas com ambigüidade, não havia uma defesa clara pela Constituição. Já Sarkozy é menos dúbio, não aposta muito na União Européia, mas também não a descarta.

JU – Então não se prevê uma grande mudança quanto à política externa nesse governo?

CA – Não mudará muito em relação à que vinha sendo desenvolvida por Chirac. Penso que terá essa iniciativa de propor um tratado europeu menos ambicioso, mais factível de ser aprovado pelos franceses, que sempre foram reticentes quanto à Comunidade Européia. A política externa de Sarkozy deve ser um pouco mais pró-americana, não muito.

JU – Houve um encontro bilateral de Lula com o presidente francês durante o G-8. Esse encontro teve algum objetivo específico ou foi meramente formal?

CA – Lula teve a oportunidade de ter conversa diplomática com o novo presidente da França. O Brasil quer uma liberalização maior no comércio agrícola, menos subsídios, tarifas e barreiras. A França se opõe a isso, porque ela subsidia fortemente, e com os recursos da União Européia, diga-se de passagem, a sua própria agricultura. Os franceses, em relação à política externa estão muito ocupados, por exemplo, com a União Européia, a guerra, a Rússia, com o terrorismo e a imigração.

JU – O povo francês adotou o modelo da renovação, mas, no entanto, é um país muito resistente às mudanças. Isso representará um estranhamento?

CA – O presidente eleito representa uma mudança, uma renovação política; ele teve um discurso inovador. Provavelmente não será tão reformador como disse que seria ou quanto gostaria de ser, por essa resistência do eleitorado francês. Creio que tentará dinamizar a economia francesa, por ser jovem, quer ser reeleito. Não será uma mudança da noite para o dia. Sarkozy obteve 53% dos votos no segundo turno, é uma vitória incontestável.